

OSCAR – CAIXINHA

Jornal Nacional dessa terça-feira, dois dias depois do Oscar. A estrela Fernanda Montenegro diz estar aliviada: se tivesse ganho o Oscar não teria mais sossego. Seriam compromissos e mais compromissos, nada da vidinha tranqüila de província terceiro-mundista. E diz mais, sempre afirmando o orgulho nacional: Central do Brasil merecia vencer, o próprio Benigni, aquele rapaz engraçado, sabia disso, etc, etc... (citações não literais)

E de fato, para a mídia, o Brasil saiu do Oscar como um vencedor. Pois na verdade não queríamos ganhar, bastava estar na festa, participar da cerimônia e depois falar um pouco mal dela, reafirmando nossas qualidades e se preparando para nosso futuro glorioso. No momento, queremos apenas fazer parte da corte hollywoodiana, ocupar com dignidade o lugar que nosso país tanto procura: o de nação emergente, futuro novo rico que, logo logo, fará parte do mundo globalizado.

O cineasta Walter Salles foi na cerimônia do Oscar o que o Presidente Fernando Henrique é em cerimônias oficiais. Um homem que, além de culto, bonito e simpático, fala várias línguas. Na condição de embaixador de seu país,

SINOPSE

Salles se saiu bem e mostrou dignidade quando, após ser derrotado, foi cumprimentar seu adversário vencedor: na foto, muito divulgada na imprensa brasileira, Walter Salles abraça e ergue Benigni, o primeiro com sorriso sóbrio, o segundo com um imenso e grotesco sorriso de palhaço. O embaixador brasileiro deixa claro que perdeu o Oscar mas não perdeu a panca, que compreende e apoia Benigni. Afinal, "Benigni não passa de um pequeno palhaço, um Didi mocó italiano, personagem que amamos muito e sempre que possível, ajudaremos" (discurso que a mídia e o próprio Benigni ajudaram a vender). Salles, ao contrário de Benigni, não é, nem nunca será, um palhaço. Nosso embaixador é quase um americano (Bruno Barreto era realmente americano enquanto Salles é, na verdade, um europeu) que pode circular tranqüilamente na capital imaginária do mundo, representando nosso país com classe e dignidade aristocrática.

Tirando o espetáculo da brasilidade aristocrática de país emergente para a globalização, o resto do Oscar foi o de sempre. Mais uma vez a maior parte dos filmes bons foram excluídos por não serem "nem dramáticos, nem sérios", restando apenas as bombas históricas de três horas. Essas bombas disputam um jogo de cartas marcadas (pior, muito pior que Copa do Mundo), onde todos os estúdios disputam o selo de qualidade total (Oscar), espécie de ISO 9000, que ajudará a vender melhor seus produtos no mercado

globalizado. *O Resgate do Soldado Ryan* perdeu para *Shakespeare Apaixonado*. Traduzindo em termos reais, foi uma derrota da Dreamworks (estúdio de Spielberg, que se meteu a fazer animações) para a Miramax (estúdio da Disney, monopólio das animações ferido, que tem também os direitos de *A Vida é Bela*, outro grande vencedor da noite).

Além da disputa entre estúdios, a cerimônia do Oscar mostrou, mais uma vez, a sua capacidade de incorporar a rebeldia ao espetáculo. Terrence Malick, o independente outsider de *Além da Linha Vermelha* não apareceu na festa (filho prodígio, mas ainda desencaminhado), mas seu filme foi cooptado pelo ex-Chefe do Exército, que fez lindo discurso comparando *Além da Linha Vermelha* com *O Resgate do Soldado Ryan* e destacando como os dois são parecidos, como os dois deixam claro os imensos méritos do exército americano, etc., etc.... O coitado do filho rebelde, Terrence Malick deve ter se retorcido na cadeira, xingando o papai financiador, e pensando seriamente em parar de brincar com ele pelos próximos vinte anos (tal como ele já parou há vinte anos atrás).

Resumindo essa história toda: o Oscar continua igual, o Brasil é que está diferente. E cada vez mais diferente. E se Deus quiser e a crise não impedir, o ano que vem estaremos lá de novo, participando da festa com algum outro filme qualquer. Só espero que, ano que vem, aboanemos esse selo de qualidade total para que possamos vender melhor nossos produtos no mercado globalizado. E isso é, realmente, tudo o que espero. Infelizmente, como vocês notaram, quando se trata de Oscar, não se pode sequer falar em arte.

Newton Cannito

Terrence Malick deve ter se retorcido na cadeira